OVINOCULTURA

MANEJO SANITÁRIO

UNICENTRO

PARANÁ

SUMÁRIO

1. Apresentação
2. Ceratoconjuntivite Infecciosa
3. Linfoadenite Caseosa
4. Mastite
5. Pododermatite
6. Parasitas Gastrointestinais
7. Oestrose
8. Considerações Finais
9. Referências

APRESENTAÇÃO

A ovinocultura está em constante crescimento, no entanto, existem diversos desafios a serem vencidos, sendo os problemas de sanidade um dos principais.
O controle sanitário está diretamente relacionado aos resultados de desempenho do rebanho, uma vez que animais que enfrentam alguma injúria acabam apresentando queda no seu desempenho de maneira drástica, e em alguns casos pode levar até mesmo ao óbito.
Desta forma, o intuito desta cartilha é abordar de maneira simples e prática algumas enfermidades encontradas nos rebanhos ovinos da região Centro-sul do estado do Paraná, seu diagnóstico, e, consequentemente, diminuir ou evitar perdas econômicas no seu rebanho.

AUTORES:
Danielle L Bahia dos Santos (Mestranda-PPGCV/UNICENTRO)
Juliana Horst Iurkiw (Mestranda-PPGCV/UNICENTRO)
Lucas Ferreira da Costa Furlan (Graduando Med. Vet./UNICENTRO)
Marcela Calciolari Branquinho (Graduanda Med. Vet./UNICENTRO)
Marcos Rafael de Andrade (Mestrando-PPGCV/UNICENTRO)
Marina Szychta (Graduanda Med. Vet./UNICENTRO)

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra Margarete Kimie Falbo.

Guarapuava, 2023.

CERATOCONJUNTIVITE INFECCIOSA

A ceratoconjuntivite é uma doença que frequentemente acomete o rebanho de ovinos.
Os microorganismos mais frequentemente envolvidos em surtos de ceratoconjuntivite infecciosa ovina são o *Mycoplasma conjunctivae*, a *Branhamella oviii* e o *Staphylococcus aureus.*

Os animais saudáveis podem se contaminar através do contato direto com os animais doentes ou em contato com objetos contaminados.

SINTOMAS E COMPLICAÇÕES

Os animais irão apresentar irritação ocular e sensibilidade luminosa, lacrimejamento, dor, febre e apatia.
Em casos graves o animal pode apresentar úlcera de córnea e leucoma cicatricial comprometendo gravemente a visão.

DIAGNÓSTICO

Através dos sinais clínicos além de teste com colírio com fluoresceina para determinar se há úlcera.

TRATAMENTO

O tratamento baseia-se no uso de pomadas antibioticas, além de ozoniôterapia.

PROFILAXIA

Para prevenir é recomendado que evite-se a superlotação. Quando chegarem novos animais na propriedade eles devem ser examinados e deixados de quarentena. Além disso, recomenda-se limpeza e desinfecção periódica das instalações.

LINFADENITE CASEOSA

A linfadenite caseosa é popularmente conhecida como mal do caroço e é causada pelas bactérias da espécie *Corynebacterium pseudotuberculosis*.
Os animais se infectam a partir do contato com o conteúdo desses "caroços" quando os mesmos se rompem.
A bactéria adentra o organismo do animal através da pele ou mucosa lesionada, se multiplica nos tecidos linfoides levando a formação dos abcessoss (Caroços/ ínguas) que quando se rompem contaminam o ambiente.

SINTOMAS E COMPLICAÇÕES

Os animais irão apresentar linfoadenomegalia, isto é, aumento dos linfonodos acometidos formando os caroços/ ínguas. Além disso os animais poderão apresentar baixo rendimento, febre e letargia.

DIAGNÓSTICO

Através dos sinais clínicos e da cultura do conteúdo dos abcessos.

TRATAMENTO

Recomenda-se a drenagem dos abcessos e antibioticoterapia.

PROFILAXIA

Para prevenir é recomendado que evite-se a superlotação, animais novos na propriedade devem ser examinados e deixados de quarentena. Além disso, recomenda-se limpeza e desinfecção periódica das instalações.

MASTITE

A intensidade e severidade do processo inflamatório possibilitam a classificação da mastite em duas formas: clínica e subclínica.
A forma subclínica da doença não provoca modificações visíveis no aspecto do leite e do úbere, no entanto, ocorrem alterações na composição e redução da produção leiteira.

SINTOMAS E COMPLICAÇÕES

Na mastite clínica ocorrem alterações evidentes no leite, como presença de sangue, pus ou grumos ou até modificação total da secreção, que pode se tornar aguada ou espessa. Alterações na glândula mamária tais como edema, endurecimento, dor e aumento de temperatura, assim como febre, perda de apetite e apatia do animal acometido podem estar associados e caracterizam casos graves de mastite clínica.

Foto: Raul Costa Mascarenhas Santana

DIAGNÓSTICO

A observação dos sinais clínicos descritos deve ser associada a cultura microbiológica do leite para um diagnóstico preciso da mastite clínica e, também para o direcionamento do melhor tratamento a ser instituído.

TRATAMENTO

Para prevenir é recomendado que evite-se a superlotação, animais novos na propriedade devem ser examinados e deixados de quarentena. Além disso, recomenda-se limpeza e desinfecção periódica das instalações.

PROFILAXIA

As medidas de controle da mastite baseiam-se na atenção com a higiene, com limpeza frequente do local onde os animais são abrigados, para reduzir a exposição do canal do teto aos agentes causadores da mastite.
No caso dos ovinos criados a pasto, a pastagem precisa ficar livre de objetos e condições que possam acarretar lesões nos tetos, que facilitam a entrada de microrganismos.
A vacina e a homeopatia também são alternativas que podem ser empregadas com o intuito de aumentar a imunidade do rebanho frente a alguns microrganismos específicos.

PODODERMATITE

A pododermatite é popularmente conhecida como footrot, ocasionada pela ação conjunta das bactérias *Fusobacterium necrophorum* e *Dichelobacter nodosus*, responsável por perdas econômicas na ovinocultura.
De maneira geral as lesões ficam restritas ao epitélio do espaço interdigital do casco, e conforme a progressão da doença todas as estruturas podem ser acometidas.

SINTOMAS E COMPLICAÇÕES

Inicialmente a pododermatite se apresenta como um aumento de volume do espaço interdigital do casco e progride para inflamação e infecção dos tecidos do casco provocando o descolamento do mesmo.
O animal apresentará muita dor no local, fazendo com que o mesmo não apoie mais o membro.
Quando mais de uma pata é acometida há tendência do animal permanecer deitado ou ajoelhado.

DIAGNÓSTICO

Claudicação, cheiro pútrido e descolamento do casco. Em casos mais graves o animal pode apresentar perda de peso, permanecer apenas deitado ou se alimentar ajoelhado.

TRATAMENTO

Em casos menos graves recomenda-se o aparo e correção do casco e utilização de pedilúvio com solução de formol a 5% e sulfato de cobre a 5%.
Em casos mais graves recomenda-se o uso de antibióticos sistêmicos juntamente com pedilúvio.

PROFILAXIA

O foot rot tem carater infecciosos crônico, por isso o controle da doença deve ser duradouro.
Para o controle deve ser realizado periodicamente avaliações clínicas do rebanho, caso hajam animais acometidos estes devem ser apartados do rebanho e alocados em locais com baixa umidade no solo.
É recomendado que evite-se pastagens com superlotação pois aumentam as chances contaminação.
Deve-se realizar pediluvio profilatico em todo o rebanho periodicamente.
Animais frequentemente doentes devem ser descartados para não atuarem como uma fonte de infecção para o rebanho.

(CARVALHO et al., 2018)

PARASITAS GASTROINTESTINAIS

Vulgarmente conhecida por papeira, é ocasionada por endoparasitas, que podem habitar de forma não simbiótica o trato digestório dos ovinos, ou seja, trazem prejuízos a produção, e segundo a literatura é a enfermidade que mais acarreta prejuízos a produção de ovinos. Os principais parasitas são *Haemonchus contortus*, *Tricostrongylus, Strongyloides*. Estes podem parasitar diferentes partes do trato digestório, e ter maior desenvolvimento em algumas estações, o Haemonchus que é o parasita mais comum tem maior desenvolvimento durante o verão. Altas cargas parasitárias podem levar o animal a óbito quando não tratadas de forma eficiente.

SINTOMAS E COMPLICAÇÕES

Variam conforme o grau de infestação. Animais altamente parasitados tendem a se isolar do rebanho, diminuem a ingesta de alimento, apresentam fraqueza, papeira (edema submandibular) e diarreia.

DIAGNÓSTICO

O diagnóstico padrão ouro se dá pelo exame de fezes, onde irá dizer a contaminação em ovos por gramas de fezes (OPG), e de acordo com esse número se vê a necessidade da vermifugação. O método Famacha também pode ser usado, este indica o grau de anemia do animal pela coloração da mucosa ocular, é uma boa alternativa para diagnóstico, desde que associada a outros métodos.

TRATAMENTO

O tratamento é realizado com a administração periódica de antiparasitários.

PROFILAXIA

Recomenda-se limpeza e desinfecção periódica das instalações.

Rotação de piquetes, a fim de evitar a recontaminação dos animais.

Recomenda-se também a realização de coprocultura e exames de fezes periodicamente para melhor controle de infestação e eficacia dos agentes antiparasitários

OESTROSE

A oestrose é conhecida como bicho da cabeça ou rinite parasitária, causada pela mosca *Oestrus ovis.*

A doença ocorre principalmente nos períodos mais quentes e úmidos do ano e apesar do baixo índice de mortalidade, causa prejuízos econômicos no rebanho, por promover perda de peso nos animais.

Este parasita infecta obrigatoriamente a cavidade nasal e os seios paranasais dos animais, principalmente ovinos, ocasionalmente caprinos, e acidentalmente humanos.

As larvas de *O. ovis* se alimentam das proteínas plasmáticas e de anticorpos que estão passando pela mucosa nasal durante o processo inflamatório.

SINTOMAS E COMPLICAÇÕES

Os sintomas apresentados pelos animais acometidos são rinite, sinusite, espirros constantes, acúmulo de secreção nasal purulenta e dispneia.

DIAGNÓSTICO

De maneira geral o diagnóstico pode ser realizado através da observação de nódulos inflamatórios, secreção sanguinolenta ou mucopurulenta na região das narinas e na detecção das larvas post mortem.

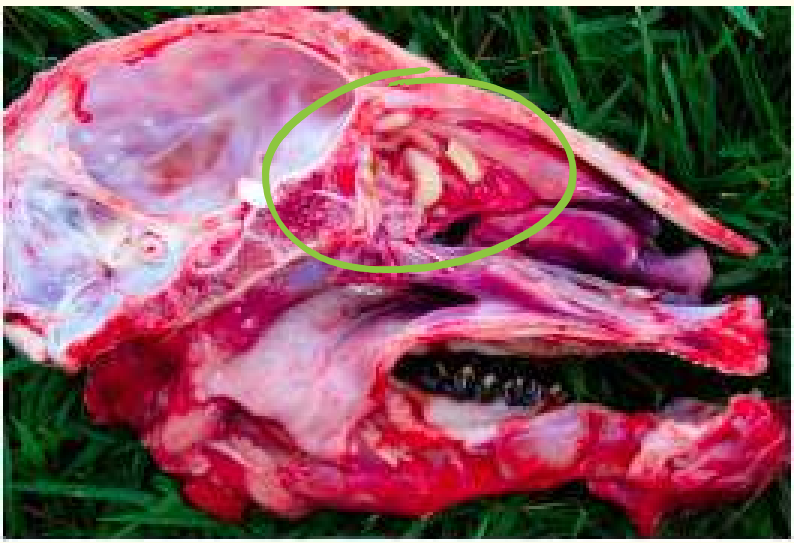
Pode também ser efetuado teste ELISA para detecção de anticorpos específicos anti O. ovis, utilizando antígenos totais ou produtos excretórios e secretórios das larvas

TRATAMENTO

Se dá através e exclusivamente com o uso de anti-parasitários.

PROFILAXIA

Recomenda-se utilizar antiparasitário antes das épocas mais quentes para evitar infestações em massa.



(SCHENKEL ET AL., 2012)

CEVA SANTÉ ANIMALE, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se obter a máxima produtividade dos rebanhos de ovinos é necessário conhecer os fatores que prejudicam o bom desempenho, sendo assim o manejo sanitário e conhecimento de doenças são de grande valia para o produtor.
Além disso, em casos de enfermidades, é imprescindível a presença de um médico veterinário para garantir o diagnóstico correto, além do tratamento adequado.

REFERÊNCIAS

BARROS, Carina Simionato de et al. Rentabilidade da produção de ovinos de corte em pastagem e em confinamento. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 38, p. 2270-2279, 2009.

DA SILVA, Daniel Gonçalves et al. Método FAMACHA® como ferramenta para verificar a infestação parasitária ocasionada por Haemonchus spp. em ovinos. Pubvet, v. 11, p. 0947-1073, 2017.

DA SILVA, Natália et al. Acidose ruminal em ovinos, diagnosticada pela Central de Diagnóstico Veterinário (CEDIVET) da Universidade Federal do Pará, no período de 2000 a 2008. Ciência Animal Brasileira, p. 191-196, 2009.

DE JESUS, Jéssica Ortega et al. Controle de nematódeos gastrintestinais e resistência anti-helmíntica em ovinos na região Sul do Brasil. Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública, v. 4, p. 094-094, 2017.

LOBÃO, F. M. et al. Lingua azul em ovinos: uma revisão. Rev. Bras. Reprod. Anim., Belo Horizonte, v.38, n.2, p.69-74, abr./jun. 2014.

MAGALHÕES, H. I. R. et al. Prevalencia de *Oestrus Ovis* em ovinos de Ituiatuba, região sudeste do Brasil. Revista Ciência Animal Brasileira, v.22, e-67800, 2021

MARTINS, K., B.; ZAFALON, L., F.; ESTEVES, S., N. Etiologia infecciosa da mastite ovina em diferentes lactações. In: Anais da II Jornada Científica - Embrapa São Carlos, 2010.

MIRANDA NETO, Eldinê G. et al. Estudo clínico e características do suco ruminal de caprinos com acidose láctica induzida experimentalmente. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 25, p. 73-78, 2005.

OSÓRIO, Thaís Moreira et al. Resistência anti-helmíntica em nematódeos gastrointestinais na ovinocultura: uma revisão. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 89194-89205, 2020..PEIXOTO, R., M.; MOTA, R., A.; COSTA DA, M., M. Mastite em pequenos ruminantes no Brasil. Pesquisa Veterinária Brasileira, v.30, n.9, 2010.

RIBEIRO, M., E., R.; PETRINI, L., A.; AITA, M., F.; et al. Relação entre mastite clínica, subclínica infecciosa e não infecciosa em unidades de produção leiteiras na Região Sul do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Agrociência, v. 9, n. 3, p.287-290, 2003.

RIET-CORREA,F. Actinomicose. In: RIET-CORREA,F.; SCHILD,A.L.; MENDEZ,M.D.C.; LEMOS,R.A.A. et al. Doenças de ruminantes e equinos. 2.ed. São Paulo: Livraria Varela, 2001, p.177-178.

ROSSO, G. Mastite afeta produtividade em propriedades de ovinos de corte. Embrapa Pecuária Sudeste, 2019.

SANTIAGO, L., B.; PINHEIRO, R., R.; ALVES, F., S., F.; CHAPAVAL, L. Etiologia, Fatores de Risco e Aspectos Clínicos da Mastite Ovina. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa Caprinos e Ovinos. Sobral, CE, 2009.

SILVA JÚNIOR, Abimael Estevam da. ACIDOSE RUMINAL EM OVINOS DA RAÇA DORPER-RELATO DE CASO. 2013.

VERÍSSIMO, C., J.; ZAFALON, L., F.; OTSUK, I., P.; NASSAR, A., F., C. Prejuízos causados pela mastite em ovelhas Santa Inês. Arquivo do Instituto Biológico, v.77, n.4, 2010.

ZAFALON, L., F.; MARTINS, K., B.; DIAS, W., A., F.; et al. Etiologia infecciosa da mastite subclínica ovina em rebanhos destinados à produção de carne. Veterinária e Zootecnia, v.17, n.7, p.568-576, 2010.